2.° Anno — Lisboa, 26 de outubro de 1885 — Numero 15

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

Columbano — Hildibrand

COSTUMES PORTUGUEZES: — O VARINO

SUMMARIO

TEXTO: *Chronica*, por Casimiro Dantas. — *Jacob Rodrigues Pereira e os surdos-mudos*, por Pinheiro Chagas. — *Como se faz um monstro*, versos, por Guerra Junqueiro. — *O companheiro de jornada*, conto, por Beldemonio. — *Diplomacia conjugal*, por Duarte Cid. — *As nossas gravuras*. — *Em familia* (Passatempos) — *Um conselho por semana*. — *A rir*. — *Lição d'anatomia*, conto, por Alfredo Gallis.

GRAVURAS: *Typos portuguezes; O varino*. — *O Paço da Ajuda*. — *Um amigo da casa*. — *Vista geral de Moscow*. — *Rio de Janeiro; Catête*.

CHRONICA

Chronica de que? Palavra de honra que não sei.

Ha por ahi quem as escreva a proposito de qualquer incidente, da vinda da Patti, d'um brazonado illustre que morre, d'um general que passa á inactividade perpetua do tumulo, das mulheres bonitas que fazem a peregrinação elegante do Chiado namorando com olhos cúpidos as *montres* do Mourão e do Seixas... a proposito de tudo.

E na sua palheta d'artistas ha sempre tintas novas para tirar o *croquis* da mundana *pschutt* que pisa o asphalto dos *trottoirs*; não faltam nunca as côres delicadas e finas com que se reproduzem na téla da chronica os successos quotidianos.

Quando não teem quadros para pintar, *d'après nature*, e o modelo suspirado não apparecece, inventam, dão largas á sua phantasia pujante e procreadora, recorrem á *blague* dos momentos criticos, mas vão pintando sempre, sempre, uma paizagem aqui, um *clair de lune* acolá, uma gentil miniatura hoje, um busto adoravel ámanhã, agora um grupo formosissimo destacando-se por entre montões de flores, logo o esboço d'uma sepultura alvejando entre negros cyprestes.

Ora eu, devo dizel-o aqui muito com o coração nas mãos, não sei inventar nem me entretenho a fazer coloridos phantasistas de pintor poeta. Sou uma especie de Portugal velho, bordejando terra a terra no mar da realidade; fico mal com a minha consciencia quando minto ou quando devaneio em duas columnas de prosa, e o chronista tem obrigação de ser honesto, antes de tudo.

O dificil porém, é manter impolluta esta honestidade e conservar-se a gente em doce paz com a propria consciencia, quando d'um lado nos exigem a narrativa dos casos da semana, e do outro nos apparece uma semana sem casos, arida e triste, batida pelas lufadas frigidissimas do nordeste e pelos aguaceiros impertinentes d'um outono carrancudo.

Em taes conjuncturas, a *blague* é o recurso supremo, a menos que não fallemos da mediação do Papa no litigio sempiterno das Carolinas, do aspecto bellicoso que vae tomando a baralhada questão do Oriente, das desavenças entre a Sérvia e a Bulgaria, dos amargos de bocca que o principe Alexandre de Battenberg tem causado ao sultão da Turquia, da occupação da Birmania pelos inglezes, ou dos resultados das ultimas eleições de *ballotage* em França.

Tudo isto seria muito bom e viriasalvar-nos de grandes apuros, se a politica de todos os matizes e de todas as feições, nacional e estrangeira, não fosse, para nós e para quem nos lê, um pomo vedado.

Atiremo-nos pois aos braços do acaso, e elle que nos salve do apuro, como bom amigo protector e misericordioso.

Os theatros... ora ainda bem, cá está um assumpto.

Teem-se ido abrindo pouco a pouco os theatros. Ca da chuveiro outoniço, cada casa de espectaculo que destranca pachorrentamente as portas, offerecendo-nos as primicias dos seus reportorios. Peças originaes, nem uma; traducções, ás dezenas, e algumas d'ellas anonymas, para que o chicote da critica não caia, desapiedado, sobre os nomes dos seus fabricantes.

Em Dona Maria, a *Arlesianna*, um sonho de Daudet, falso como quasi todos os sonhos, servido com musica deliciosa do author da *Carmen*. Desempenho discutivel, *mise en scéne* deslumbrante, successo negativo.

Na Trindade, a *Mocidade de Figaro*, um arremedo do *Barbeiro de Sevilha*, com musica deliciosa de Freitas Gazul e graça scintillante d'Eduardo Garrido. Operetta feita de molde a provar-nos que Anna Pereira sobreleva em talento quantas Judics nos enviam de França, apezar da sua dispepsia rebelde e do seu buço um tanto masculo.

No Gymnasio, varias traducções e arranjos mal succedidos, exceptuando a *Receita dos Lacedemonios*, uma lindissima comedia bordada de bons ditos alegres, e representada pelo actor Valle com irreprehensivel esmero.

No Principe Real, o *Capitão de Piratas*, drama escripto, por vezes, sem grande respeito pela grammatica, mas que tem o condão de commover e arrebatar as platéas populares, com as suas variadissimas situações de effeito certo e seguro.

Eis o que temos visto na nossa travessia nocturna pelos theatros de Lisboa.

Amanhã abrir-se-ha o Colyseo, onde nos promettem uma *écuyere* romana, gentil e elegante, Elvira Guerra, em cujos trabalhos, no dizer das *réclames* pomposas, está compendiado tudo quanto a arte ensina, a pratica firma, a propensão augmenta e a educação sobredoira. Um genio, ou antes dois genios: ella e o seu garboso cavallo *Sylvan*!

Depois do Colyseo, teremos a abertura de S. Carlos com o *Mephistopheles*, noites deliciosas passadas a ouvir a Borghi, a Devriés, o Massini, o Cotogni, a Patti, a extraordinaria Patti, por quem Lisboa será capaz de pôr tudo no prego, menos as mãos para applaudir, os ouvidos para se deliciar, e os labios para dizer—bravo!

Antegozando o perfume d'este *bouquet* de maravilhas lyricas, eu nem chego a concentrar o espirito povoado de rondós e de cavatinas, n'uma questão de zelos militares que para ahi se tem debatido durante a semana inteira.

Ao que parece, querem dar graduações militares a uns quantos fiscalisadores aduaneiros, arvorando-os de pé para a mão em tenentes e capitães. A imprensa mette o caso á bulha, fazendo politica da medida governativa, e o exercito protesta contra o acto do governo, em cartas anonymas enviadas aos jornaes diarios.

Por motivos de facil comprehensão, a Chronica abstem-se cuidadosamente de emittir o seu parecer sobre o facto, limitando-se a contar uma anecdota, que vem aqui a talho de fouce.

Conversava-se ácerca dos progressos da chimica moderna.

— E' uma sciencia de tal ordem, dizia um sujeito, que até nos induz a obter seres humanos, preparados em 24 horas, com molleculas de varias substancias, nos cadinhos e nas retortas dos laboratorios.

— Poderá ser assim, redargue uma senhora presente, mas eu prefiro os processos antigos... em nove mezes.

Applicando *el cuento*, nós preferimos tambem os antigos processos de fabricar officiaes. Serão muito menos expeditos, mas achamo-l'os muito mais decentes e correctos.

Outro assumpto que matou, pela semana dentro, os

ocios da imprensa indigena, foi o tratado de soberania e protecção do rei de Dahomey, tratado que assegura a abolição das horriveis hecatombes humanas na costa da Mina.

A maior parte dos jornaes applaudem a convenção firmada com o negro monarcha dahomeano; alguns d'elles, porém, descompõem o negociador portuguez do tratado, dizendo que a occupação dos territorios de Dahomey é uma falta de censo; que de nada nos servem Ajudá e os novos dominios; que não necessitavamos de mais terras, de mais costas e de mais portos em Africa; que o rei preto submettido a Portugal não tem cara para amigo, e que será capaz de nos atraiçoar ámanhã, por um punhado de lantejoulas ou por duas quartolas d'aguardente.

Nós não queremos de modo algum duvidar das boas intenções do monarcha de Dahomey, nem julgar a sua negra pessoa tão desalmadamente corruptivel que se venda ao estrangeiro por um hectolitro d'alcool. O que nos parece, em boa verdade, é que já não podemos com o pezo de tantas colonias e de tanta gloria...

E a proposito de gloria; inaugurou-se o elevador da calçada da dita. Cada qual pode agora subir commodamente á gloria, sem passar pela Academia Real das Sciencias: basta-lhe chegar até á Avenida da Liberdade e atirar comsigo para dentro d'um ascensor.

CASIMIRO DANTAS.

JACOB RODRIGUES PEREIRA E OS SURDOS-MUDOS

Em todo o tempo foram os surdos-mudos objecto ou de horror ou de compaxão, conforme era menos ou mais esclarecida a humanidade. Cadaveres que atravessam o mundo sem poderem communicar aos seus irmãos os pensamentos que talvez lhes refervam no cerebro, sem terem do que os rodeia outras percepções que não sejam as que a vista lhes transmitte, os surdos-mudos inspiram, como os cadaveres que dormem nos tumulos, compaixão ou terror supersticioso ás gerações que se teem succedido umas ás outras sobre o solo do planeta que habitamos, até ao seculo XVI. Nenhumas, comtudo, quizeram admittir que esses entes vivos, sãos, robustos e intelligentes muitas vezes, a quem Deus estampára na fronte o estygma da morte, podessem gosar as regalias e os previlegios da humanidade.

Mais ou menos religiosos, mais ou menos compassivos, os legisladores repelliram sempre essas creaturas desherdadas da communhão social.

A civilisação antiga, ainda que chegada a um grau de esplendor e de sciencia a que, em muitos pontos, o nosso proprio seculo ainda não conseguio attingir, não admittio no seu banquete os infelizes sequestrados do mundo por uma enfermidade atroz. E' esta uma das provas que mais vehementemente pugnam contra a illustração pagã; o que demonstra claramente que a luz das civilisações humanas é sempre falsa e impura se no seu clarão deixar de conter uma parcella do esplendor divino. Emquanto o sol do Evangelho não brilhou sobre o mundo, emquanto a ardente caridade, prégada por Jesus do alto da sua cruz do Golgotha, não se inoculou, para assim dizermos, nas veias das gerações, todos os progressos do espirito humano foram apenas tactear de cegos nas trevas do erro. Que importava que a mão do cego empunhasse o facho cujo esplendor doirava todos os objectos exteriores? O mundo material apresentava um panorama deslumbrante, mas a moral jazia em trevas. O sol do mundo interno não despontára ainda nos rubros horisontes da Palestina. E comtudo, a philosophia grega e a philosophia romana, guiadas pelos maiores vultos de que a humanidade se glorifica, tinham entrado quanto possivel nos segredos da nossa natureza. Socrates, bebendo a taça de cicuta, glorificava Deus e a virtude, esse raio de luz celeste que anima o barro vil dos descendentes de Adão. O philosopho de Sunum prégava com as suas palavras de mel o culto da verdade e o culto do bello, que é da verdade o esplendor. Cicero, discipulo e admirador dos Gregos, prestava á philosophia precursora do christianismo todo o fogo da sua eloquencia sem rival. Gregos e Romanos, orgulhosos das suas infinitas escolas, dos seus infinitos systemas, derribavam os deuses do Olympo e divinisavam a creatura. Julgavam ter dissipado completamente as sombras supersticiosas que entenebrecem a razão e a dignidade do homem. E a sua legislação, de que elles tanto se orgulhavam, a sua legislação, que os Ciceros e os Hortensios consideravam como obra prima da intelligencia humana, excluia dos fóros de cidadão os surdos-mudos, inhibia-os de testar, de dispôr dos seus bens, de contrahir quaesquer relações sociaes, punha-os emfim n'uma condição ainda inferior á dos escravos, á dos parias da India, á dos ilotas de Esparta, excluindo unicamente d'essas disposições os surdos de nascença a quem a natureza concedera falla. *Si non vox articulata eis natura concessa est.*

Na edade média a condição dos surdos-mudos foi ainda mais afflictiva. A barbaria reinava em toda a Europa, e o christianismo, apesar da sua omnipotente influencia, não ousava combater as superstições profundamente arraigadas no espirito inculto dos invasores do imperio romano. A enfermidade dos surdos-mudos foi, como a lepra, considerada um castigo da Providencia. Os infelizes viam todos arredar-se d'elles, e até as portas do templo raras vezes se descerravam para lhes darem abrigo. Desamparados, morriam sem terem conhecido uma só das alegrias do mundo, sem terem quem tentasse explicar-lhes uma só das maravilhas que os rodeavam. Comparsas infelizes no drama da existencia, appareciam na scena do mundo, contemplavam com admiração as prodigiosas decorações, e desappareciam sem poderem perceber o que era esse espectaculo brilhante que diante d'elles se desenrolava. O leproso tinha ao menos a consolação de desprezar os que o desprezavam; intelligente e altivo, podia encerrar-se na consciencia do que valia, refugiar-se na cynica misanthropia dos Diogenes; humilde e religioso, podia elevar o espirito a Deus, e nas visões das suas noites solitarias appellar da sentença dos homens para a sentença do Evangelho, e repousar a cabeça fatigada no meigo collo de Jesus.

Mas o surdo-mudo? A lepra, que o devorava, esterilisava-lhe a intelligencia, cerrava-lhe não só as portas da sociedade, mas tambem as portas do mundo moral. A consciencia não lhe era abrigo, porque ninguem lhe proporcionava os meios de perceber essa voz intima e consoladora. Na religião não encontrava consolações, porque não sabia que balsamo era esse; para Deus não appellava, porque nem esse mesmo raio de luz lhe sulcava as trevas. O surdo-mudo, o proscripto da humanidade, só muito por instincto podia ter a vaga noção do Creador.

O primeiro homem, que tentou fazer entrar os surdos-mudos na communhão social, foi um frade hespanhol, chamado Ponce de Leon, que viveu no seculo XVI. O seu systema era, comtudo, extremamente rudimentar e trabalhoso. O surdo-mudo lia os sons nos labios do interlocutor e respondia por escripto. Jacob Rodrigues Pereira fez mais: conseguiu que os surdos-mudos pronunciassem automaticamente as respostas que até ali escreviam. Mas isso era um prodigio que tinha as suas côres de sortilegio, e que era impraticavel empregado em larga escala. O verdadeiro titulo de gloria de Jacob Rodrigues Pereira é, sem duvida, a invenção do alphabeto manual, que, aperfeiçoado pelo abbade de l'Épée, constitue a base da educação dos surdos-mudos.

O sr. Brito Aranha, na sua excellente continuação do *Diccionario Bibliographico* de Innocencio, consagra a Jacob Rodrigues Pereira um pequeno artigo, em que se limita a negar absolutamente que Jacob Rodrigues Pereira houvesse nascido em Peniche. Os parochos d'esta villa attestaram effectivamente, ao que parece, que se não encontrava nota do seu baptisado. Alguns biographos dizem que Jacob Rodrigues Pereira nasceu em Peniche, affirmam outros que nascera em Berlanga, na Extremadura Hespanhola. D'ahi deduzimos que effectivamente fôra Peniche o seu berço, por nos parecer que os biographos estrangeiros facilmente confundiriam as ilhas Berlengas, que demoram defronte de Peniche, com a povoação de Berlanga; e esta dissidencia, a nosso ver, mais confirmava a supposição de que em Peniche nascera o nosso illustre compatriota.

Em presença, porém, de documentos authenticos, é impossivel sustentar esta versão. E' pois bem possivel que Jacob Rodrigues Pereira effectivamente nascesse em Berlanga, quando seus paes, Abrahão Pereira e Abigail Rodrigues começavam talvez a sua pregrinação para fugirem ás perseguições do Santo Officio. Jacob nasceu em 1715, e foi exactamente no periodo que vae de 1715 a 1734 que mais recrudesceu em Portugal a perseguição aos christãos novos.

Comtudo, os descendentes de Jacob Rodrigues Pereira, os famosos banqueiros francezes, irmãos Pereire, affirmavam, ainda não ha muitos annos, a um cavalheiro portuguez, que a sua familia era originaria de Traz-os-Montes, e confirmavam esta declaração indicando algumas familias com quem estavam aparentados e que vivem effectivamente em Traz-os-Montes.

Valia a pena fazer-se em Villa Real e em mais algumas terras principaes de Traz-os-Montes o que se fez em Peniche. Talvez assim se podesse descobrir qual fôra o berço d'este nosso illustre compatriota.

Bem illustre era elle, effectivamente, porque não só occupa um dos logares mais importantes na historia da educação dos surdos-mudos, mas revelou-se mecanico notavel e economista distincto. As academias francezas conferiram-lhe premios e distincções, e o rei de França concedeu-lhe uma pensão. Em Portugal corria sério perigo, se aqui apparecesse, de ter como elogio

academico um sermão de auto de fé, e como recompensa suprema as labaredas de uma fogueira no Campo da Lã.

Jacob Rodrigues Pereira viveu sessenta e cinco annos, porque, tendo nascido em 1715, morreu em 1780.

PINHEIRO CHAGAS.

COMO SE FAZ UM MONSTRO

Elle era n'esse tempo uma creança loira
Vivendo na abundancia agreste da lavoira,
Ao vento, á chuva, ao sol, pastoriando os gados,
Deitando-se ao luar nas pedras dos eirados,
Atravessando á noite os solitarios montes,
Dormindo a boa sésta ao pé das claras fontes,
Trepando aos pinheiraes, ás fragas, aos barrancos,
No rijo e negro pão cravando os dentes brancos,
Radioso como a aurora e bom como a alegria.
Quando no azul do céo cantava a cotovia,
Aos primeiros clarões vibrantes da alvorada
Transportava ao casebre o leite da manada,
Acordando, a assobiar e a rir pelos caminhos,
Os lebreus nos portaes e as aves nos seus ninhos.
E á tarde quando o sol, extraordinario Rubens,
Na fantasmagoria esplendida das nuvens,
Colorista febril, lança, desfaz, derrama
O topasio, o rubi, a prata, o oiro, a chamma,
Elle ia então sosinho, alegre, intemerato,
Conduzindo a beber ao tremulo regato,
A golpes de verdasca e gritos estridentes,
N'um ruidoso tropel os grandes bois pacientes.
O seu olhar azul de limpidez virtuosa,
Onde brilhava a audacia heroica e valorosa,
A candura infantil e a intelligencia rara,
O timbre da sua voz imperiosa e clara,
A linha do seu corpo altivamente recta,
Tudo lhe dava o ar soberbo d'um atheleta
Em miniatura.

II

Um dia o pae, um bravo aldeão,
Chamou-o ao pé de si, e disse-lhe:

«João:

A' força de trabalho e á força de canceiras
A moirejar no monte e a levar gado ás feiras,
Consegui ajuntar ao canto do bahu
Alguns pintos. Vocês são dois rapazes; tu,
Além de ser mais novo, és mais intelligente.
Vou botar-te ao latim; quero fazer-te gente.
Hasde-me dar ainda um grande prégador.
Hoje padre é melhor talvez que ser doutor.
Aquillo é grande vida; é vida regalada
Olha, sabes que mais? manda ao diabo a enxada.
Aquillo é que é vidinha! aquillo é que é descanço!
Arrecada-se a congrua, engrola-se o ripanço,
Arranja-se um sermão ahi com quatro tretas,
Vai-se escorripichando o vinho das galhetas,
E a missa seis vintens e doze os baptisados.
Depois independente e sem nenhuns cuidados!
Olha, João, vê tu o nosso padre cura:
E', sem tirar nem pôr uma cavalgadura.
Vi-o chegar aqui mais roto que os ciganos;
Pois tem feito um casão em meia duzia d'annos.
Isto é desenganar; padres sabem-na toda...
E' o sermão, é a missa, é o enterro, é a boda,
E' pinga da melhor, é tudo quanto ha!
Quando o abbade morrer hasde vir tu para cá.
Despacha-te o doutor nas côrtes; quando não
Votamos contra elle, e foi-se-lhe a eleição.
Mas que é isso, rapaz? Nada de choradeira!
E' tratar da merenda, e quinta ou sexta-feira
Toca pr'o seminario. Eu quero ir para a cova
Só depois de te ouvir cantar a missa nova.»

III

N'uma tarde d'outono a somnolento trote
Um macho conduzia em cima do albardão,
Já columna da egreja, o novo sacerdote,
O muitissimo illustre e digno padre João.
Ao entrarem na aldeia os dois irraccionaes,
Dos foguetes ao grande e jubiloso estrepito
Um velho recebeu nos braços paternaes,
Em vez do alegre filho, um monstro já decrepito
Que acabava de vir das jaulas clericaes.
Que transfiguração! que radical mudança!
Em logar da innocente angelica creança,
Voltava um chimpanzé estupido e bisonho,
Com o ar de quem anda hallucinadamente
Preso nas espiraes diabolicas d'um sonho.
Seu corpo juvenil, robusto e florescente
Vergava para o chão exhausto de cansaço:
Os dogmas são de bronze, e a lã d'uma batina
Ja vai pesando mais que as armaduras d'aço.
A ignorancia profunda, a estupidez suina,
A luxuria d'egreja, ardente, clandestina,
O remorso, o terror, o fanatismo, inquieto,
Tudo isto perpassava em turbilhão confuso
Na atonia cruel d'aquelle hediondo aspecto
Na morna fixidez d'aquelle olhar obtuso.
Mettida nas prisões escuras de Loyola
A sua alma infantil, não tendo luz nem ar,
Foi como os rouxinoes, que dentro da gaiola
Perdem toda a alegria, e morrem sem cantar.

IV

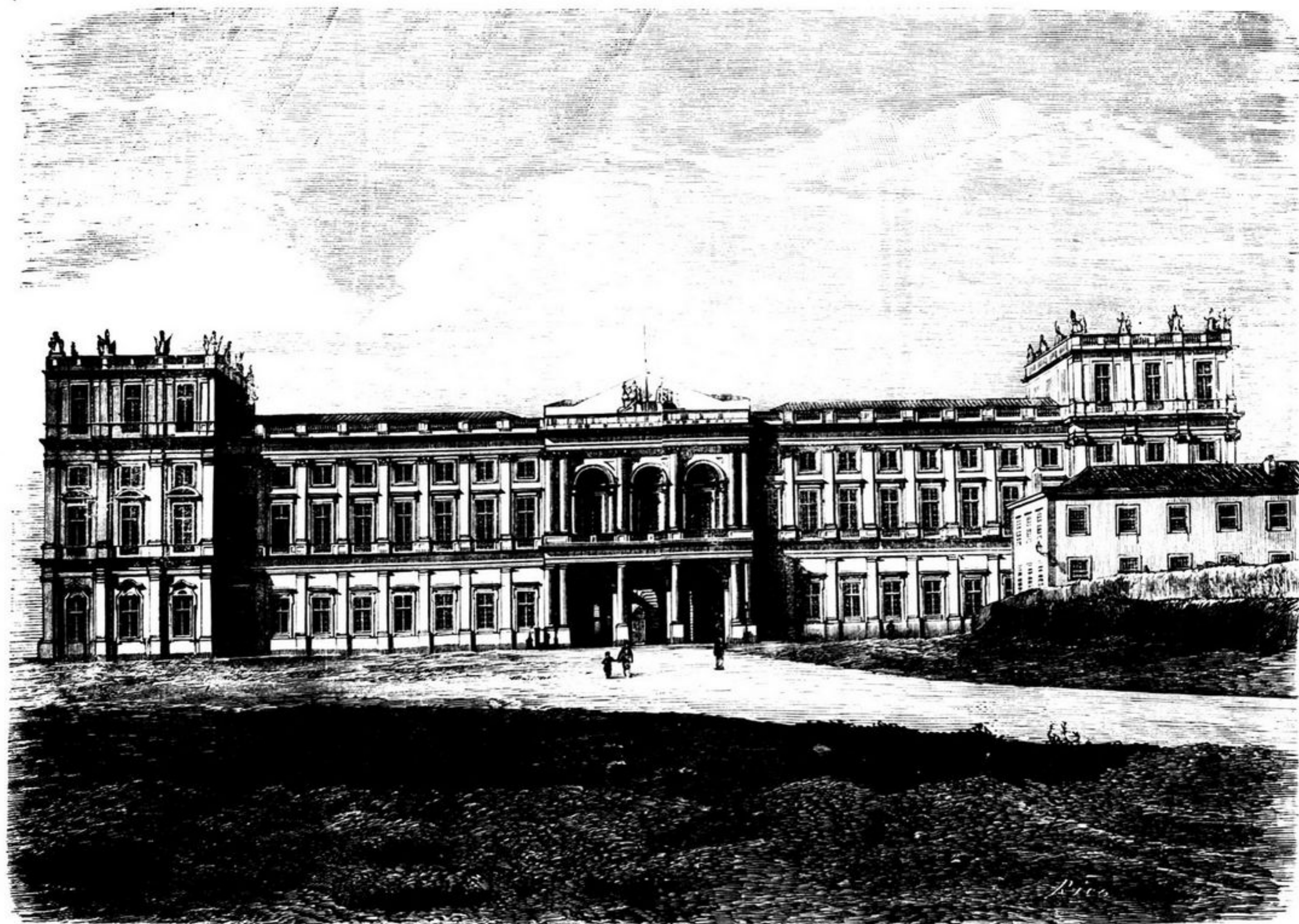
Como ninguem ignora, os sordidos palhaços
Compram, roubam ás mães as loiras creancinhas,
Torcem-lhes o pescoço, as mãos, os pés, os braços,
Transformam-lhes n'um junco elastico as espinhas,
E exhibem-nas depois nos palcos das barracas
Dando saltos mortaes e devorando facas
Ante o espanto imbecil da ingenua multidão;
E para lhes cobrir a lividez plangente
Costumam-lhes pintar carnavalescamente
Na face de alvaiade um rir de vermelhão.
Tambem o jesuitismo hipocrita-romano,
Palhaço clerical, anda pelos caminhos
A comprar, a furtar, assim como um cigano,
As creanças ás mães, os rouxinoes aos ninhos.
Vão leval-as depois ao negro seminario,
A's terriveis galés, ao sacro matadoiro,
E escondem-nas da luz, assim como o usurario
Esconde tambem d'ella os seus punhados d'oiro.
Dentro da estupidez e da superstição,
Casamata da fé, guardam-lhes a razão,
A analyse, esse forte venenoso fluido,
Que, andando em liberdade, ao minimo descuido
Poderia estoirar com tragica explosão.
O que o palhaço faz ao corpo da creança
Fazem-lh'o á alma, até que d'ella reste emfim,
Em logar do histrião que nas barracas dança,
O pobre missionario, o inutil manequim,
O histrião que nos prega a bemaventurança
A murros de missal e a roncos de latim.
As almas infantis são brandas como a neve,
São perolas de leite em urnas virginaes:
Tudo quanto se grava e quanto ali se escreve
Cristalisa em seguida e não se apaga mais.
D'esta forma consegue o astucioso clero
Transformar de repente uma creança loira
N'um passaro nocturno estupido e sincero
E' abrir-lhe na cabeça a golpes de thesoura
A marca industrial do fabricante — um zero!

GUERRA JUNQUEIRO.

O COMPANHEIRO DE JORNADA

Tinham principiado as ferias grandes com os primeiros actos da Universidade. O inverno soltava os seus ultimos arrancos. Coimbra ia ficar despovoada pelos seus tres mezes de cada anno, em que perde a pittoresca physionomia bohemia, e em que as calçadas criam erva. Em cada rua, em cada casa, os estudantes em vesperas de exame arrumavam a capa e a batina nos seus bahus de folha, passavam as noites em claro sobre os compendios, desembuçavam-se com mais respeito na rua quando algum lente passava. Como que pairava no ar o borborinho indefinivel de uma população que se prepara para emigrar.

A' uma hora da madrugada, n'aquella noite, havia nevoeiro frio, sentia-se uma humidade no ambiente. A cidade, sempre negra e medieval, era n'aquella noite mais sombria e mais avelhantada. As suas ruas tortuosas, os seus monumentos gothicos, os seus conventos melancholicos, as suas casarias estranhamente remendadas sobre habitaculos da Edade Media,—todo o seu labyrintho de pedras carcomidas e leprosas,—adivinhavam-se adormecidos na paz mortuaria de um immenso tumulo, como que simultaneamente ao fundo do escuro e ao fundo dos tempos. Era a vasta necropole das velhas eras, dos velhos ideaes e dos velhos guerreiros da monarchia. De quarto em quarto de hora, sentinellas longiquas bradavam *álerta* n'um clamor arrastado e lugubre, atravez do nevoeiro, e outras sentinellas, mais ao longe, n'um clamor sepulchral, passavam aquella chamada para outras ainda mais distantes.

A' porta do Natividade, na rua da Sophia, principiava tropegamente a azafama da diligencia que partia para a Beira. Ao balcão do escriptorio, muito aceiado, uma rapariga toda de preto, muito aceiada e muito myope, de uma gordura balofa que lhe assoprava as feições, escrevia, com os olhos sobre um caderno de bilhetes côr de rosa, interrompendo-se para fazer recommendações sollicitas de agazalho a um passageiro que parecia moribundo sobre uma cadeira, n'uma vózinha fina e bem educada. Esse passageiro, um rapaz dos seus vinte e quatro annos, emmagrecido e livido como um cadaver, com o olhar vitreo e a respiração arquejante dos tysicos, a cabeça pendida e a attitude immovel em que se parece scismar e viver já n'uma outra

O PAÇO DA AJUDA

vida, pousava lamentavelmente as suas mãos de dedos pallidos n'uma coberta que o envolvia por cima da capa, com os labios descórados semi-abertos. A espaços, fallava, em phrases surdas, palavra por palavra; e instinctivamente, fazia reticencias, explicava-se n'um estylo telegraphico.

Immobilisava-se defronte da porta a grande caixa escura do carro. Sentia-se em cima d'ella uma sombra que arrumava bagagens, com pancadas surdas de pedras caindo sobre um caixão Do outro lado da rua luzia o portal aberto de um botequim, onde dois passageiros, para fazer horas, beberricavam copinhos de aguardente e comiam arrufada, a uma luz de petroleo que deitava uma fumaceira infecta. Um vulto embrulhado n'um chaile-manta batia as solas no passeio, e de cada vez parava á portinhola do carro um minuto, lendo com attenção o lettreiro.

Deu meia hora para as duas no relogio de Santa Cruz. O conductor foi accender as lanternas do carro. Ao mesmo tempo ouviram-se vozes e passadas que se approximavam, de gente que fallava alto e alegremente. Ainda na rua, as vozes gritavam em côro:

—«Boa noite!»—

E assomaram á porta do escriptorio dois rapazes com um latagão á frente, espadaúdo e de grandes bigodes, que saudou tirando o seu chapeu, n'um largo gesto de fidalgo galanteador:

—«Salvé, estrella matutina!»—

—«Isso é com a manhã que vae romper, ó trovador?—perguntou um dos companheiros.»—

—«Não; é com esta menina... Vossa excellencia tem passado bem, minha senhora?»—

E de repente, interrompendo-se, tomando um ar compromettido:

—«Oh, diabo!...»—

—«Isso é com esta menina?—perguntou muito sério o mesmo companheiro.»—

—«Não; isto agora é com o diabo... que nos leve a todos Olhem,—continuou elle retirando-se para o lado e apontando o passageiro doente,—eis o nosso companheiro de jornada. Apresento-vos o Lourenço d'Abreu, que fez hontem o seu terceiro anno de direito, com distincção, emquanto que nós faziamos o primeiro, tão distinctamente que a inveja dos examinadores *chumbou-nos.*»—

Os tres rapazes ficavam-se pasmados deante d'aquelle moribundo que erguera a cabeça, e que sorria pallidamente, murmurando:

—«Ainda bem!... Vamos... de companhia...»—

Todos lhe tinham ido apertar a mão com um grande affecto e uma immensa piedade fraternal:

—«Mas que idéa foi essa, ó Lourenço? N'esse estado! Foi então para isso que teimaste em fazer o teu acto quando o medico te não consentia sequer que deixasses a cama?»—

—«Oh! eu estou... muito melhor. Esta maldita constipação...»—

Desatou a tossir, sem força. Os amigos entreolharam-se, condoidos d'aquella illusão de tysico perante a morte. No fim do seu accesso, o doente accrescentou:

—«E depois..., a minha mãe...»—

—«Ah! tens mãe?»—

—«Só ..»—

—«E sabe?... sabe alguma coisa da tua doença»...—

—«Nada... Nem me espera... tão cedo. E' uma... surpreza...»—

—«Uma surpreza agradavel, bem sei! uma surpreza agradavel!—repetiu o latagão de grandes bigodes, quasi com as lagrimas nos olhos, cerrando os punhos de raiva.»—

Ouviam-se agora patadas de cavallos na calçada; o cocheiro attrelava pachorrentamente a sua parelha, arrastando as enormes botas até ao joelho, de uma obesidade grotesca, com o seu collete de pelles, o seu immenso capote de tres cabeções, o seu barrete de lontra pellado em alguns pontos, e o seu eterno charuto reluzindo no meio da sua caraça muito vermelha.

O estudante espadaúdo e de grandes bigodes segredava aos seus companheiros, no vão da porta, esforçando-se por dissimular a commoção:

—«Este diabo está por um fio, vae-nos morrer no caminho... E tem mãe... Coitada!»—

Depois, indo ao doente:

—«Nós vamos metter-te no carro, meu velho. Anda cá, meu velho. Arranjamos-te lá dentro uma caminha; sim, meu velho?»—

O tysico acenava que sim com a cabeça, sorrindo áquellas affectuosidades de camaradas. Julgou que ia pelo seu pé, apenas amparado: na realidade foi ao collo dos tres, que o arrumaram carinhosamente no fundo do carro, tomando os melhores logares. Teve um suspiro de desafogo:

—«Sinto-me... bem!»—

Depois, dirigindo-se ao latagão que se assentára junto de si, conchegando-lhe as cobertas com uma ternura toda maternal:

—«E tu?... Tens mãe?»—

—«Tenho.»—

—«E sabe?...»—

—«O quê? que fui *chumbado*? Ainda não.»—

—«Coitada!...»—

—«Ora! as *rapozas* não se fizeram para os cães. Antes burro vivo que doutor morto. Pois não é verdade, rapazes?—continuou elle interpellando os outros dois companheiros, n'uma necessidade de brutal desabafar perante aquella brutalidade ironica e torpe do destino. Pois não é verdade, rapazes, que as nossas mães preferirão receber-nos vivos, adornados com dois ou mesmo com tres R R, a receber-nos amortalhados, com a borla e o capello de doutores? Hein?»—

O tysico sorriu-se:

—«E' verdade, é...»—

—«E depois, tudo se explica. A desculpa mais absurda e mais antiga é ainda assim a melhor. A injustiça dos lentes!...»—

Davam duas horas Os dois homens que beberricavam copipinhos de aguardente vieram a correr sentar-se na imperial do carro, o que passeava no *trottoir* seguiu-os, olhando pela ultima vez para o lettreiro, e o conductor entoou na sua corneta uma fanfarra enfeitada de fiflas. A rapariga do escriptorio, tendo fitado os seus olhos myopes sobre o mostrador do relogio, pronunciou na sua vózinha fina:

—«Póde rodar.»—

O cocheiro deu a mão aos cavallos, e a diligencia abalou alegremente pela rua fóra sob o nevoeiro, atravessou o largo de Sansão a trote largo, percorreu a rua do Visconde da Luz e a Calçada, e entrou na estrada da Beira. A corneta do conductor calou-se então, emquanto que os echos despertados da velha cidade recolhiam á sua paz tumular e morta, sob o pesadello gothico dos monumentos que a coroavam.

Porto dos Bentos, Laranjal do Seminario, Portella... Passou-se a Portella, eram tres horas da manhã. Do outro lado da ponte subia a estrada para Poyares, e seguia depois sempre á beira do rio, para o acompanhar durante leguas, vendo do outro lado elevar-se a montanha quasi a pique, salpicada de oliveiras pendentes sobre um abysmo, esboroando-se aterradoramante em lascas de schisto.

N'esse ponto do caminho, o frio tornou-se de repente mais vivo, e a lanterna interior do carro descórou. O doente ia sempre amodorrado ao seu canto, dois dos estudantes tinham com a monotonia noctivaga do carro passado pelo somno, e o terceiro, aquelle que parecia dominar os outros com a sua presença herculea, conservara-se acordado. Aquella recrudescencia de frio, subita, animou-o repentinamente. Curvou-se para o doente, cujas feições eram cada vez mais cadavericas, sob o morrão dubio da lanterna, e disse baixinho:

—«Lourenço!»—

Depois, mais alto:

—«O' Lourenço!»—

E como elle não respondesse:

—«Lourenço!»—

O pobre rapaz abriu os olhos.

—«Como vae isso?»—

—«Melhor... mas muito opprimido. Tenho frio...»—

—«Tambem eu. Toma lá a minha coberta! Espera lá, meu velho, que eu te componho.»—

E outra vez o esteve a conchegar, a embrulhal-o em roupa:

—«Estás bem agora?»—

—«Sim.. mas muito opprimido. Vou dormir...»—

Estava quasi inteiramente coberto, cabeça e tudo. Os outros tinham acordado do seu somno sacudido, ao rumor; e estranharam o frio. As vidraças empanavam-se de bruma, em que fluctuava uma certa claridade. Um d'elles resmungou:

—«Ah! é a madrugada que principia a romper!»—

E como n'esse momento a diligencia tivesse um solavanco e parasse, com as rodas subitamente encravadas na brita, a voz do conductor gritou á portinhola:

—«Os senhores passageiros tenham a bondade de se apear... Anda a estrada em concerto e o gado não póde tirar o carro...»—

—«Ainda bem!—exclamou o estudante agigantado. Já tenho as pernas tropegas, e preciso de aquecer. Vamos lá, rapazes?»—

Só ficou dentro o doente. Já lá iam adeante tres vultos embuçados,—os tres passageiros de fóra,—e os tres rapazes tomaram a beira da estrada para o lado do rio, onde não havia brita. Ao crepusculo nevoento da madrugada, em que se sentia marulhar o Mondego no fundo da encosta, avistava-se a estrada remechida em toda a sua extensão, e a cumiada negra da montanha fronteira.

Os tres estudantes, sempre marchando a passo accelerado, conversavam. O mais velho proferiu a phrase que não deixava de lhe trotar no cerebro:

—«Fica-nos ahi pelo caminho, aquelle diabo! E tem mãe... Será milagre se elle alcançar até ao fim da jornada...»—

Depois, parando, emquanto que atraz se rojava penosamente a diligencia:

—«Vamos nós a deitar *galgas*?»—

—«Quem dera! mas não ha...»—

O latagão apontou para a sua frente; alinhavam-se alli uns cincoenta carros de mão, dos trabalhadores da estrada, enfileirados mesmo á beira, e no extremo, como que commandando-os, uma barraca de cantoneiro, d'estas que servem durante as obras,

UM AMIGO DA CASA

e que se podem transportar de um logar para outro sobre o seu jogo de grossas rodas de pau:

—«Eis as *galgas!*—exclamou elle.»—

Rebentaram grandes gargalhadas. A lembrança foi achada originalissima, e sobretudo muito aproveitavel.

Cada um tomou seu carrinho e o despenhou pela encosta abaixo. Foi nos pedregulhos quasi a pique um estrondear que os fez rir a bandeiras despregadas. Apossaram-se de outros tres carros e deram-lhes o mesmo destino. O conductor e o cocheiro achavam uma graça infinita áquillo. Seguiram-se outros, e outros, até ao ultimo dos cincoenta.

N'esse momento, o latagão de grandes bigodes encontrava-se defronte da barraca de rodas, e teve uma inspiração atroz, na sua necessidade brutal de fazer maleficios para se vingar da situação lugubre em que o destino o collocava:

—«Isto é que é uma *galga* de respeito! Pois a barraca vae tambem...»—

Agarraram-n'o:

—«Oh, diabo, que pode lá estar dentro o cantoneiro!»—

—«Por isso mesmo! que vá buscar os carros ao rio!»—

Custou a dissuadil-o. Mas a diligencia já lá ia adeante, fóra da brita, e era necessario alcançal-a. Deitaram a correr.

O mais velho sentou-se no seu logar, emquanto que os cavallos resfolegavam, e descobriu com mil precauções a cara do doente. Viu-a inteiramente livida e com os olhos abertos. A testa, em que passou a sua mão, estava gelada. Curvou-se sobre elle, com o coração confrangido: os labios não exhalavam a menor respiração.

Os companheiros e o conductor estavam instinctivamente n'uma espectativa de angustia.

Elle endireitou-se, dizendo simplesmente:

—«Morto.»—

Seguiu-se um momento de estupefacção. O cocheiro, que se apeara a muito custo, regougou:

—«E agora?»—

—«Agora... não sei. Onde é o regedor mais perto?»—

—«E' em Poyares.»—

—«Pois vamos até lá »—

Seria necessario voltar para traz;—impossivel. Conferenciou-se dois minutos. A um quarto de legua havia uma ermida, mesmo á beira da estrada. Deixar-se ia lá o cadaver, ficaria o conductor para fazer as communicações do estylo, e a diligencia tomaria outro na primeira muda.

Os tres rapazes não tornaram a subir para a diligencia, que se poz lentamente a caminho; foram andando atraz, apouquentados, sem uma palavra, ruminando saudades de amigos ou de camaradas, absorvendo-se n'aquelle prologo funerario que lhes estragava o bello romance das suas ferias.

Depois, como se não tivesse decorrido o quarto de hora, nem cinco minutos, nem um minuto sequer,—inopinadamente,—a diligencia estacou á beira da ermida, cujo alpendre se esmagava sob o musgo. Abriu-se a portinhola, transportou-se o carro para o alpendre, á claridade da madrugada que rompia com alvuras de leite. O cadaver, ainda não inteiriçado, ficou estendido sobre cobertas, com a cabeça para o altar mór.

No fim, o estudante mais velho disse com um grande desplante aos companheiros:

—«Vamos lá, rapazes! A caminho..., Isto é uma leria!»—

Ria-se,—e caiam-lhe lagrimas como punhos pela cara abaixo, emquanto que os companheiros se não decidiam a partir.

Mas ainda voltou atraz, sósinho, quando já tinham tomado todos os seus logares, como que movido por uma idéa subita.

Ajoelhou á cabeceira do morto, descobriu-lhe o rosto em que brilhavam vidrados os olhos muito abertos, e em que os labios semi-cerrados comprimiam talvez uma ultima palavra,—o nome da mãe a quem o pobre tysico ia fazer a sua surpreza, a sua surpreza de cada anno. E pensou, lavado em lagrimas no seu coração de bondoso estroina:—talvez... talvez elle continuasse na morte o sonho bom da sua agonia!...—Levantou-lhe um pouco a cabeça coberta com o seu gorro preto de estudante, e beijando-lhe a testa como um irmão, beijando-lhe depois as faces enregeladas, maternalmente, cheio de ternuras estranhas que inventavam delicadezas e mimos, dizia baixinho:

—«Coitado! coitado! Eu fiquei reprovado, tu ficas morto. Toma lá este beijo..., e este..., e este... São os beijos da tua mãe...»—

Pousou-lhe a cabeça, que o ficou olhando com o seu olhar vidrado, levantou-se, e ao retirar-se ia murmurando:

—«Vês tu, meu velho? tambem tu ficaste *chumbado*...»—

A diligencia abalou. Rompia ao longe uma madrugada fria de sol...

BELDEMONIO.

DIPLOMACIA CONJUGAL

Foi no Odéon, ha dois annos.

Nas esquinas os cartazes annunciavam pela quinquagesima vez, em lettras de uma obesidade ensanguentada, a representação de um festejadissimo drama de Sardou.

A's sete e meia, a sala regergitava de espectadores, como n'uma *prem ère*

As divas do *grand monde* ostentavam-se nos camarotes com grandes espalhafatos de *toilettes*, fazendo scintillar o marfim dos binoculos, que assestavam para todos os lados.

Em baixo, no turbilhão humano que enchia a plateia, o Jorge, alheio a tudo o que o rodeava, parecia apenas viver para a contemplação estatica de um camarote de 1.ª ordem, o unico que permanecia sem ninguem.

Era um perfeito *dandy* aquelle Jorge, desde as pontinhas dos cabellos bem cuidados, até aos sapatos de polimento, a que não faltava o bico da moda

Uma enorme camelia estrellava-lhe a carcella da sobrecasaca, pretenciosamente esticada nos quadris.

Entretanto, no proscenio os artistas exhibiam as primeiras scenas, e o nosso *figurino*, que pouco caso fazia da representação, dir se-ia querer incendiar o camarote solitario, com o fogo azul dos seus olhos ramalhudos.

—E não vem!... murmurava, tamborilando nos encostos do *fauteuil*.

—Que tal achas este pintalegrete da camelia? perguntou um visinho da direita, typo genuino do burguez parisiense, ao seu companheiro, um peralta enfesado e amarellento como cidra.

—Irritante... insupportavel!...

—Aquelles modos de dizer a todo o mundo que está fartinho de vêr a peça...

—Refinado pedante!...

N'este momento a porta do camarote tão obstinadamente visado pelo Jorge, abriu-se com certo estrondo, e da penumbra vacillante destacou-se o correctissimo perfil de uma mulher, que avançou com um ondular voluptuoso de carnes.

Ella chamava-se Saphira, e possuia uma d'essas plasticas vigorosas, que apenas despertam o extasis da sensualidade pela exhuberancia das linhas aphrodisiacas.

Os olhos negros e deliciosamente fendidos eram de um brilho fascinador; os labios, do mais puro nacar, tinham fremitos lascivos que despertavam o appetite dos beijos; os cabellos enroscavam-se em pretas e opulentas madeixas sob o chapeu á Rembrandt, de pelucia escura.

Toda de preto, o *corset* desenhava-lhe a curva arrebatadora do seio, ao passo que as luvas, subindo-lhe aos cotovellos, esboçavam os contornos picantes dos braços.

A sereia, armada com o seu binoculo miudinho, de madreperola dourada, visava varios pontos da plateia

Evidentemente procurava alguem, e esse alguem deparou-se-lhe, afinal, na figura petulante do galan da camelia.

Ella enviou-lhe um sorriso provocador, e elle um olhar vulcanico.

Mas então que papel representava no meio de tudo isto um figurão de suissas grisalhas diplomaticamente apartadas, physionomia franca mas austera, que se perfilava por detraz de Saphira, com a rigidez nativa de um gentleman *pur sangue?*

Seja-nos licito responder por emquanto... com um ponto de interrogação.

*

Findara o primeiro acto.

O homem das suissas grisalhas fazia menção de retirar-se, e Saphira, dignando-se dirigir-lhe a palavra pela primeira vez, dizia-lhe n'um sorriso, desvelando a dupla fileira dos seus dentinhos de neve:

—Demora-se muito, meu amigo?

—Não, queridinha, o tempo necessario para beber um copo de Saint-Péray e fumar um charuto.

No salão, este sujeito a quem chamaremos Henrique, distinguiu, por entre a multidão compacta n'aquelle recinto, a camelia de Jorge.

O *dandy* dirigia-se para a escadaria dos camarotes, e Henrique, que demorara n'elle um olhar profundo e incisivo como a lamina de um bisturi, estacou junto da entrada do bufete, dizendo com os seus botões:

—Porque será que vejo sempre na minha passagem este *marionette* de capellista?...

*

O socego restabeleceu-se na sala e o *maestrino*, do alto da sua cadeira, figurava os primeiros compassos de uma walsa de Métra.

Jorge, novamente installado no seu *fauteuil*, possuido agora de um enthusiasmo mysterioso, continuava devorando com olhares rutilantes a encantadora Saphira, em cujas niveas mãos o finissimo leque, no seu ondular suave, tinha uma linguagem um tanto significativa.

E o indigena burguez, que todo se empapuçava na cadeira da direita, soprava ao janota pelintra, que entregue ao enredo da peça, pouco caso fazia das interpellações do seu companheiro:

—E' de mais!... Nunca vi tal desaforo!...

—Nem eu!... Mas repare n'aquelle magnifico lance!... A rapariga é uma esplendida ingenua!

E d'ahi a bocado o panno descia, e toda a platéa se levantava nos paroxismos das grandes ovações, coroando de applausos os artistas triumphantes.

No nosso camarote, durante o acto que findava, houve troca de palavras entre os dois conjuges (o leitor já percebeu o papel que o homem das suissas representava), e Henrique até chegou a sorrir por vezes.

Depois despediu-se da querida esposa. Ia talvez beber novo copinho de Saint-Péray...

Singularidades do acaso!... Esperava-o segundo encontro, no *foyer*, com o Jorge.

Ah, mas d'esta vez Henrique experimentou um d'esses presentimentos inexplicaveis, cujo secreto motivo não sabemos definir.

Jorge subia mansamente a escada dos camarotes.

O das suissas seguiu-lhe a pista, occultando-se por traz de algumas pessoas que tambem subiam a mesma escada. Viu o da camelia parar á porta do seu camarote e olhar para um e outro lado. Henrique, porém, tivera o cuidado de esconder-se n'uma especie de vão, donde podia ver sem ser visto; de modo que o outro, não descobrindo ali ninguem suspeito, bateu de um modo particular na portinha, que pouco depois se abriu levemente.

Henrique não vira Saphira, mas comprehendeu que o seductor fallava com alguem que não podia deixar de ser sua esposa, visto que só ella ficara no camarote. Notou que, depois de trocarem algumas palavras, o Jorge levava aos labios uma coisa qualquer, esbranquiçada, talvez um papel, que em seguida guardou cuidadosamente na carteira.

Pelos olhos ardentes do marido atraiçoado passou um raio de colera que durou um relampago; a testa finou-se-lhe n'uma contracção medonha. Mas foi tudo. D'ahi a dois segundos readquiria a serenidade habitual e dizia com o maximo sangue frio:

—Está bem! Já sei porque me cruzo muitas vezes com este senhor!...

N'este momento a porta do camarote fechou-se e Jorge principiou a caminhar apressadamente.

Subito estacou ante a rigida figura de Henrique, que se erguia, como Othello, pedindo-lhe contas da sua honra vituperada!

Depois de verificar que o corredor estava deserto, Henrique aproximou-se mais do Lovelace, e disse-lhe á queima roupa, em tom secco, vibrante

—Amanhã ao meio dia enviar-lhe-hei as minhas testemunhas!...

Jorge, a quem o imprevisto d'esta scena anniquilára, só teve forças para balbuciar:

—Um duello!!

—Hesita!?

—Mas...

—Não aceita? E se eu o esbofetear publicamente?!...

—Senhor!...

—Vamos, o seu cartão. Aqui está o meu.

Em seguida a esta formalidade, Henrique repetiu, fulminando o seu adversario com um olhar desdenhoso, glacial:

—Amanhã ao meio dia!... Não se esqueça!...

E affastou-se, emquanto o outro, sempre pregado no mesmo sitio, puxava precipitadamente da carteira e escrevia com mão tremula as seguintes linhas, no alto de uma folha:

«Elle sabe tudo!... A julgar pela sua fama de habil duellista, estou irremediavelmente perdido! Não importa; resta-me a consolação de morrer victima do amor que me soubeste inspirar!»

*

No dia seguinte, ao meio dia, Henrique penetrava no toucador da mulher, que se fazia pentear pela sua camareira, uma ladina rapariga de olhos vivos e gaiatos. Quando a criadinha acabou as suas funcções junto da ama, sahiu, deixando sós os dois esposos.

Então Henrique estreitou as mãosinhas de Saphira e puchou-a docemente para um divan, sentando-se junto d'ella.

—Não sabes, minha querida, vou bater-me!

—Meu Deus! como tu dizes isso!... E com quem?

—Adivinha...

—Eu sei!... Com o duquezito, aquelle rapaz louro que tu não pódes vêr?

—Não... Depois o saberás.

—Questão de jogo?...

—Sim, ao *bacarat*... Uma ligeira discussão que depois se tornou n'uma tempestade de epigrammas, alguns dos quaes classifiquei de muito mau gosto.

—E quando se deve realisar o encontro?

—Não sei. As minhas testemunhas regulam n'este momento, em casa do meu adversario, as condições da pendencia.

—O que eu admiro é o teu sangue frio nas vesperas de um duello!...

—Bem sabes, minha amiga, tenho tido muitos e sempre com bom exito. Este é o meu decimo segundo. Habituei-me a encarar o duello como um excellente palliativo do *spleen*!... Tu mesma, minha louquinha, deves confessar que não te inquietas muito...

Saphira tapou-lhe a bocca com a sua mãosinha branca, impregnada de perfumes.

—Não blasphemes, meu amigo; a tua superioridade incontestavel no jogo das asrmas, acalma-me um quasi nada os receios. Mas... uma infelicidade... um descuido!... A's vezes a Providencia tem taes caprichos...

—N'esse ponto, confundes-te um pouco com a tal Providencia! exclamou intencionalmente o marido ultrajado. E concluiu:

—Mas afinal, és uma companheira ideal!...

N'este momento o creado annunciou os nomes de dois sujeitos muito conhecidos no *sport*.

—Já!... Manda-os entrar para o meu gabinete.

E depois, para a esposa.

—São as minhas testemunhas.

E sahiu, dizendo comsigo:

—Esta mulher é um pedaço de marmore!...

*

Passada meia hora, Henrique tornava a entrar no *boudoir*.

—Esta é a primeira vez que me acontece!

—O que é? perguntou Saphira, polvilhando de *veloutine* o setim das faces.

—Imagina... mas é caso para rebentar de riso!...

—Por Deus, falla!

—Imagina que os meus padrinhos dirigiram-se a casa do meu rival, e quando perguntavam por elle, o guarda-portão atirou-lhes com esta bomba:—«Nada, meu amo não póde recebel-os, pela simples rasão de que partiu!... Não disse para onde ia nem o tempo que contava demorar-se por fóra.» Não achas edificante?... Safa-se na vespera de um duello, quando o dever e a honra o obrigavam a permanecer em Paris!... E nem ao menos deu conta do sitio a que se destinava, para eu não ter o incommodo de o seguir!... Positivamente um heroe, este senhor, não é verdade, Saphira?...

Esta não respondeu logo. Pensava.

—Que monstro! disse ella comsigo, fugir á justa vingança de um marido cuja honra espezinhou!

E ella, que sacrificára a sua honestidade de esposa, para escutar o vaidoso aranzel de um comediante; que chegára a commover-se com a leitura d'esse bilhete impostor que o perfido lhe escrevera, desnorteado pelo medo!

Que desillusão!... Tanta subtileza, para cahir no laço que um imbecil lhe armára!

Meio escondida na sua confortavel *chaise-longue*, sentia-se agora humilde, pequenina ante a figura altiva de seu marido, que se erguia a dois passos d'ella, fitando-a com olhares interrogadores.

Sim, o amor de Henrique valia muito mais que as torpes insinuações d'esse valdevinos, que déra ás de Villa Diogo.

Para ella, pelo menos n'aquelle momento, não existia senão o seu querido maridinho, o seu idolatrado Henrique!

E disse baixinho, como que para serenar a lucta intima de que a sua consciencia era theatro:

—Ora adeus! Todos elles são uns asnos... uns idiotas!...

....

Agora fitava seu marido com um olhar repassado de ternura.

Achou-o elegante, quasi bello!...

Depois, como elle mostrasse admirar-se com esta pausa intempestiva.

—Tens razão, meu amigo; elle era o ultimo dos covardes!

E subito, sem que Henrique podesse prever a explosão, Saphira pendurou-se-lhe ao pescoço e disse-lhe, por entre um beijo quente, apaixonado, dando á phrase uma cadencia languidamente harmoniosa:

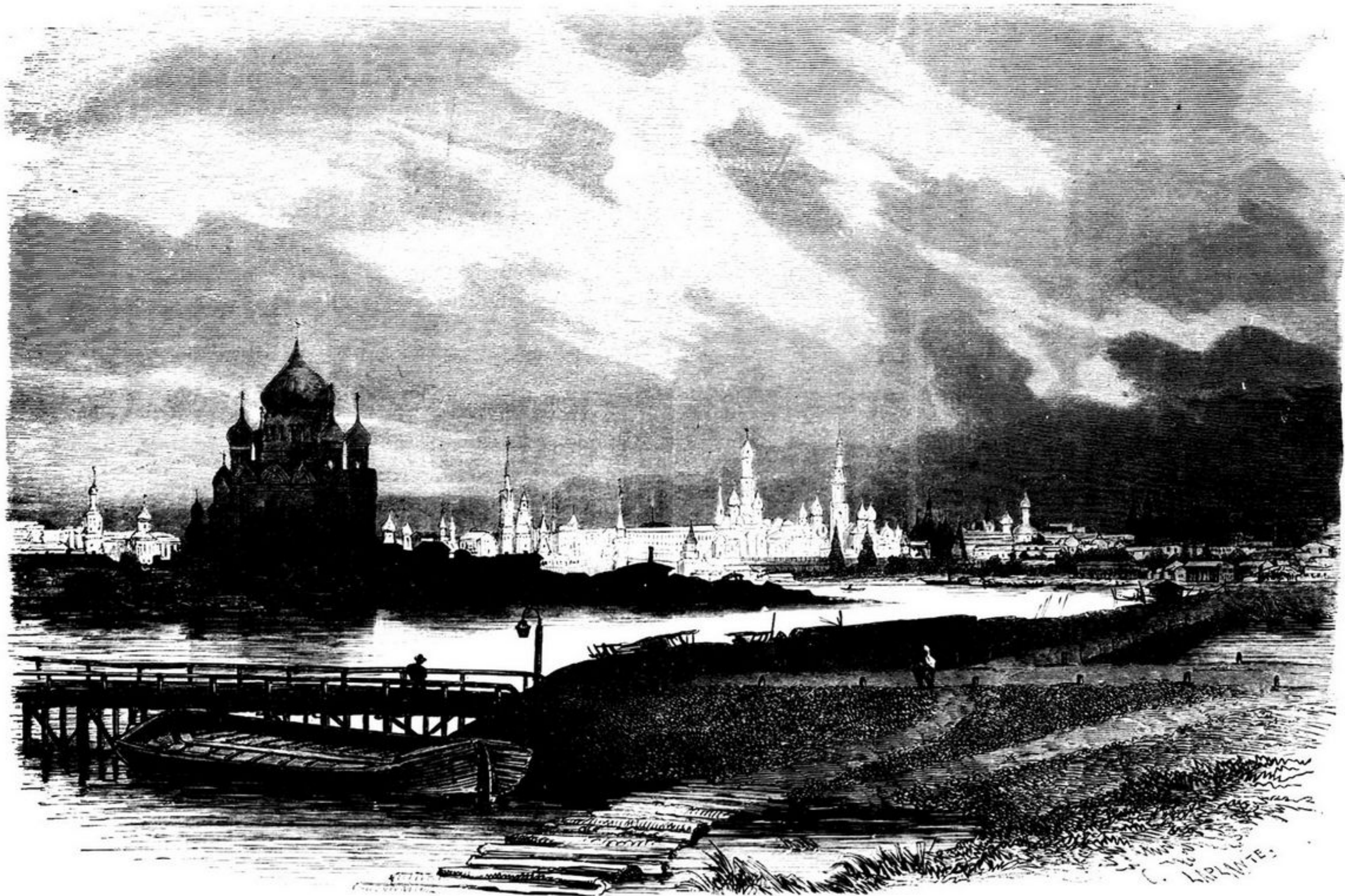
—Como eu te amo!...

DUARTE CID.

AS NOSSAS GRAVURAS

TYPOS PORTUGUEZES

O VARINO

Não ha quem o não conheça. Nasceu no trabalho rude da costa, vagou nú pelos areaes, e divertiu-se boiando sobre os ondas, em pequenas bateiras. Assim que chegou á edade de poder ajudar os paes, ia com elles na campanha para o alto mar, e por lá dormia, sob os aguaceiros rijos do inverno. Foi assim, exposto á chuva, aos frios e ás tempestades cruentas, que elle aprendeu a ser homem.

VISTA GERAL DE MOSCOW

A pesca não é a sua unica actividade; vende o peixe pelas ruas, e quando a industria da pesca falha, vende jornaes e cautellas.

Os que ficam na terra fazem e remendam redes, e torcem e tingem linhas de pesca.

Em geral, os varinos são cosinheiros habeis e preparam uma caldeirada como ninguem.

O PAÇO DA AJUDA

Não cabe nos estreitos limites d'esta publicação uma larga noticia sobre o palacio da Ajuda, actualmente a residencia do monarcha portuguez.

Limitar-nos-hemos a dizer que a idéa da construcção d'este edificio, ainda hoje incompleto, foi concebida pelo marquez de Pombal, e que o palacio foi pela primeira vez habitado em 1826 pela infanta regente, D. Izabel Maria.

O paço da Ajuda tem salas sumptuosas, e das suas janellas disfructa-se um panorama lindissimo.

El-rei o sr. D. Luiz escolheu este palacio para sua residencia em 1862. Ali nasceram os principes D. Carlos e D. Affonso.

UM AMIGO DA CASA

Os frangos gostam mais de andar aos bandos com os irmãos a as irmãs, depenicando nos monturos e esgaravatando na terra, do que dentro das casas. Aquelle, porém, em consequencia de ter sido mordido por algum cão, ou por ter dado alguma queda dias depois de nascer, ou fôsse pelo que fôsse, ficou rachitico e enfezado, e d'ahi lhe veio a estima que a velha tem por elle. Não pertence ao rancho; é «o amigo da casa». A's vezes abusa e toma liberdades que são reprimidas com a severidade terna com que se reprehende um amigo. Imagina que aquelle café lhe póde convir. Sempre é grão, não ha duvida, mas não lhe convém. E' isto o que a sua amiga lhe está a dizer, nos melhores termos.

VISTA GERAL DE MOSCOW

Moscow, antiga capital da Russia, fica a 776 kilometros ao S.E. de S. Petersburgo, com a qual se liga por um caminho de ferro traçado em linha recta.

A cidade divide-se em quatro partes: o *Kremlim*, ou cidadella, onde se acham os velhos palacios dos czares, o arsenal fundado por Pedro o Grande, tres basilicas, etc; a Cidade-Chineza, centro do commercio; a Cidade-Branca, e a Cidade de Terra.

As cupulas de Kremlim e as torres de 300 egrejas dão a Moscow um aspecto perfeitamente oriental. Esta cidade é o centro principal do commercio e da industria russa, e foi fundada em 1147.

Moscow cedeu a S. Petersburgo o titulo de capital do imperio, mas ficou sendo sempre o coração da nacionalidade russa.

O incendio ateiado em 1812, dentro dos seus plainos, durante a occupação franceza, causou-lhe prejuizos incalculaveis.

RIO DE JANEIRO

CATÈTE

A nossa estampa representa parte do elegante bairro do Catête, no Rio de Janeiro, contendo a Praia da Gloria, a rua de D. Luiza, e o arvoredo que sombrea o paredão da rua que fórma a margem do caes.

Avista-se d'aqui o importante edificio em que funcciona a secretaria de estado dos negocios estrangeiros, e a rua de D. Luiza, cortando obliquamente o pittoresco quadro, circumdado de verdes arvores.

Tambem n'este bairro, um dos mais povoados dos arrabaldes do Rio de Janeiro, e o escolhido pelas pessoas de mais distincção para a sua residencia, está estabelecida a casa da Sociedade portugueza de beneficencia.

Os edificios são ali, pela maior parte, de graciosa construcção.

A rua principal, que se vê na nossa gravura, communica parte do Aterro da Gloria com os arrabaldes das Larangeiras, Botafogo e Jardim Botanico, cujos moradores são em tão grande numero que formam por assim dizer uma outra cidade.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

O que é verdade é semelhante ao verdadeiro—2—2.
Tudo o que existe no homem pertence ao reino animal—1—1.
E' alegre e pica este homem – 1—2.
A primeira rainha ? Foi-se ! – 2 – 2.
O que governa aperta o que é governado.—1 – 1.

CARLOS HELIOGÁBALO.

Em Aveiro é immenso este verbo - 1 – 2.
Suspiro por ser generosa esta mulher - 1 2.
Vi n'um livro que não era boa esta fructa—1—1.

A. MENEZES.

EM VERSO

Medida chineza—1.
Que cinco irmãs tem.—1.
E' dança escoceza—1.
Repara, vê bem.

Psio ! Attenção,
Não 'steja a brincar,
E tenha juizo
Se quer decifrar.

CARLOS HELIOGÁBALO.

LOGOGRIPHOS

(POR LETTRAS)

(A Oliveira d'Assis e Cyrillo Tavares)

Em Thomar eu vi, um dia,
Um estranho vegetal,—9—7—11 – 7—5.
Que, quando alguem lhe tocava,
Do reino era mineral—1—5—11.

Mais tarde tornei a vel-o
Com esta mulher fallar :—5—4—3—5.
Parei, e cheio d'inveja,
Puz-me para os dois a olhar—15—8—2—11.

Deparei depois com elle
Lá na musica, a tocar ;—6—10—8 2.
E estava ainda dos padres,
As vestes a enfeitar.—1 – 5—8—10—11 - 12

Dir-vos-hei por fim, amigos,
Sem ser peta,
Que o conceito é uma planta
De côr preta.

Thomar. JOÃO PIRES VIEGAS.

(POR SYLLABAS)

Todo o homem tem o seu,—5—1.
é claro, não tem que ver.—3—4.

Quem sempre o faz é sandeu
e mostra sizo não ter ;—2.

Mas no globo, como eu
infinitos pode haver.

E. PANCADA

ENIGMA

UU Jorge Luiz Carlota impõem OBRIGAÇÕES OBRIGAÇÕES

PROBLEMA

Diga-se a uma pessôa que pense em um numero ; que faça sobre elle uma serie de multiplicações e divisões, indicando os factores e os divisores, e que ache o quociente do resultado obtido pelo numero pensado. Adivinhar este numero, perguntando qual é a somma d'elle com o quociente obtido anteriormente.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: — Impostura — Macella - Amador — Salmão — Safio.

DAS CHARADAS EM VERSO: — Agradecimento — Sagacidade — Camaroteiro.

DOS LOGOGRIPHOS: — Anagrammatisar — Psalterio — Patacho — Mathosinhos.

DO ENIGMA: Xisto V era um grande erudito.

DO PROBLEMA: — Supponhamos que ha 14 tentos na mão direita e 10 na mão esquerda. Passando 5 da esquerda para a direita, ficam $14+5$ n'esta, e $10-5$ na outra. Passando da direita para a esquerda $\frac{7}{5}(10-5)$, ficam na direita

$$14+5-\frac{7}{5}(10-5)=\frac{7}{5}\times 10+5-\frac{7}{5}(10-5)$$

ou

$$5+\frac{7}{5}\times 5$$

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA FURAR O VIDRO

Prepara-se uma solução saturada de camphora em essencia de terebenthina; depois toma-se uma verruma, em fórma de lança, aquece-se ao rubro branco, e mergulha-se n'um banho de mercurio, o qual lhe dá uma dureza extraordinaria. Depois de aguçada e de ter sido mergulhada na solução acima, a verruma penetra no vidro, como se fôra em madeira. Havendo o cuidado do humedecer constantemente com o liquido o ponto atacado, o trabalho segue rapidamente, e poucas vezes haverá necessidade de aguçar a verruma.

A RIR

— Não é verdade! exclamou um sujeito, ao ver entrar um grande mentiroso em uma casa onde está de visita.

— Não é verdade, o quê? Se eu ainda não disse uma palavra!

— Não importa Não é verdade o que está para dizer.

*

Calino tem dois dentes, que o fazem soffrer dores horriveis, e decide-se a procurar o dentista, para lh'os extrahir.

Uma vez em casa d'este, pergunta-lhe quanto leva por arrancar os dois molares.

— Dez tostões pelo primeiro e cinco pelo segundo, responde o artista.

— Bem, n'esse caso arranque-me apenas o segundo, por hoje.

EXPEDIENTE

Tornamos a pedir aos nossos estimados leitores e assignantes a fineza de só enviarem a Tom Pouce a correspondencia reativa a assumptos de redacção.

PEQUENA CORRESPONDENCIA

PEQUENO ANTONINHO: — Parece-nos mais humano deixar a creaturinha em paz, e não tornar a reproduzir as *suas* producções. Para castigo já basta o que lhe infligimos.

TOM POUCE.

LIÇÃO DE ANATOMIA

E' como te digo, meu caro Dike; tenho hoje quarenta e quatro annos, e ainda não pude apagar da lembrança a recordação d'aquella rapariga, que me embalou docemente a minha mocidade de estudante.

—Historias, meu Clarke, historias da nossa rapaziada. Deves convir que os milhares de raparigas a quem a honra fugiu sem licença do matrimonio, perfazem outros tantos romances de amor e abandono, que ellas mesmas chegam a esquecer com o decorrer dos annos.

—Tens razão, meu caro, mas Fanchette era uma rapariga honesta, dedicada, amavel, que me serviu alternadamente de irmã, de amante, de enfermeira e de creada, e sempre com o sorriso nos labios, sempre com uma jovialidade fresca e dsepreoccupada como só as parisienses sabem ter, e que nós, os inglezes, nascidos entre o fumo do coke e o nevoeiro, não comprehendemos devidamente.

—Repara, meu illustre professor de anatomia da escola medica de Oxford, que te estás tornando um pouco lyrico, e que o lyrismo fica mal a um sabio.

—Pódes zombar á tua vontade, mas por mais philosopho que um homem seja, sempre a um cantinho do coração lhe pode restar um atomo de poesia e de lyrismo. Tu mesmo, com toda a tua chimica, com todas as tuas formulas empyricas, com todas as tuas retortas e cadinhos, e com os teus trabalhos sobre a solidificação do oxigenio, has de ter, quando mais não seja, uma mollecula d'essa inspiração divina, que deu aos cerebros de Musset e Shakespeare orientações inimitaveis e incomprehensiveis para mim, simples analysador da machina humana, e para ti, distincto prescrutador dos segredos que alimentam essa mesma machina.

— Dir-se-hia que estás discursando em plena academia! Sem querer rebater a tua opinião, com a qual concordo em parte, peço-te que enchas o teu copo com este delicioso Porto velho, e me contes a historia d'essa creancice praticada com Fanchette, e que tanto me parece preoccupar-te.

—Vou satisfazer a tua curiosidade, disse o dr. Clarke, enchendo os copos e passando a mão pela fronte alva e espaçosa, como se chamasse á reminiscencia uma recordação pungente.

—Uma noite, principiou elle limpando os crystaes da sua luneta de myope, chegámos a casa extenuados e felizes, alegres e despreoccupados, da volta d'um bello passeio a Belville, onde tinhamos corrido como creanças e jantado na relva como bons operarios. Habitavamos uma trapeira no bairro latino, e n'essa noite fazia luar, um luar esplendido, que bordava no fundo negro do espaço a agulheta fina e denegrida da torre de Notre-Dame.

Para não gastarmos luz, sentámo-nos á janella, eu em mangas de camisa, e Fanchette em roupão; eu n'uma cadeira sem fundo, ella no meu collo. Estavamos mais apaixonados do que nunca. Um botão mal pregado deixou aberto o roupão da rapariga, e a luz do luar esbatia-se, vivida, n'aquella epiderme assetinada e branca como a folha d'um lyrio.

—Lamartiniano tudo isso, interrompeu Dike.

—Cala-te. Não sei que loucura estranha me passou pelo espirito, que me voltei para ella, e lhe disse que gostaria de escrever para sempre o meu nome n'aquelle seio alabastrino e rijo como o jaspe. Ella riu-se muito, e pediu-me que satisfizesse o meu desejo.

Accendemos a luz, e praticando á moda dos marinheiros, escrevi-lhe, com picadas de agulha e grãos de polvora, sob o peito esquerdo, estas palavras: «Arthur C.—8—7—40.» Esta minha loucura impressionou profundamente Fanchette, e n'aquella noite o seu systema nervoso adquiriu um extraordinario grau de sensibilidade.

Vinte dias depois era chamado a Londres; partia com meu pae para Bombaim, onde terminei o curso, e quando, doze annos mais tarde, regressei a Paris, a casa que ella e eu haviamos habitado tinha desapparecido sob as exigencias d'uma nova avenida, e ninguem me soube dar conta de Fanchette, a não ser um velho remendão, que me disse que ella tinha tido uma filha, e apenas se erguera da cama, sahíra do bairro e nunca mais tornára a ser vista.

—E tu, não lhe escreveste?

—Escrevi-lhe todos os mezes, durante um anno, sem que obtivesse resposta alguma.

—E' singular, exclamou Dike pensativo. E a creança?

—Ahi é que bate o ponto, suspirou o doutor meditativo. Desconfio que fosse minha filha. Fanchette fôra sempre esteril, mas sabes bem que a fecundidade é ás vezes o resultado notavel de um phenomeno nervoso, e aquelle capricho de lhe picar o seio, inflammando depois os grãos da polvora, produziu na rapariga uma certa dôr especial, que a lançou n'uma verdadeira vevrosidade.

—Mas durante esses vinte dias não descobriste um indicio?

—Queixava-se de nauseas, mas não dei importancia alguma ao facto.

—Seja como fôr, tu estás hoje um homem serio e reflectido, casado, com um filho quasi a concluir o curso, em posição eminente, candidato a uma cadeira na Academia, e não pódes nem deves preoccupar-te com essas recordações da tua mocidade.

—E se eu tivesse uma filha?

—Então? Que lhe havias de fazer? Conhece-l'a porventura?

—Não, e por isso mesmo é que aquella noite de loucura me persegue como um remorso

—Bem; não fallemos mais em tal. Vamos á Opera ouvir a Nilson, e bebe mais um copo, para apagares do espirito essas recordações.

E o dr. Dike, illustre chimico da grande Albion, enfiou o seu braço ossudo e vigoroso no do seu inseparavel amigo Arthur Clarke, doutor em medicina e lente de anatomia na escola medica de Oxford.

*

A's dez da manhã os alumnos da aula de anatomia d'aquella escola esperavam impacientes a chegada do seu muito sabio e illustre professor, o dr. Clarke.

N'aquelle dia o hospital enviára para a mesa anatomica o

cadaver d'uma rapariga fallecida de um scirrho no utero, e o doutor propunha-se exhibir a lição pratica sobre os destroços produzidos pela terrivel vegetação

Finalmente, o dr. Clarke, aprumado e grave no seu *pardessus* cinzento e na sua finissima luneta de crystal, deu entrada na sala, levando a mão á aba do chapeu, para corresponder ao cumprimento dos discipulos, entre os quaes se contava seu filho.

—Já cá está o cadaver? disse elle para o ajudante.

—Sim, senhor. Está sobre a mesa da direita, onde já puz todos os ferros.

—Bem; dê-me o avental.

O doutor despiu a sua correcta sobrecasaca preta, calçou as luvas de camurça, enfiou o avental de linhagem, e entrou na sala anatomica, seguido por toda a aula.

Ao meio da enorme sala estendido sobre a mesa da direita, via-se o cadaver nu d'uma mulher.

Era uma rapariga, que teria quando muito vinte e dois annos, de pelle alvissima e delicada, fórmas irreprehensiveis, cabellos louros abundantes e ondeados, labios delgados levemente ironicos, e d'uma expressão aristocratica intelligente, que a morte não conseguira apagar de todo.

Parecia adormecida

Tinha a mão direita estendida ao longo do busto, e conservava no dedo annular uma pequena alliança de ouro, que não podéra ser arrancado, pela inchação das phalanges.

Era extraordinariamente formosa, mesmo apesar da morte lhe ter desbotado a face e os labios.

Os estudantes approximaram-se do cadaver, e um d'elles, o filho do doutor, apontando para o seio esquerdo da morta, exclamou:

—Que será aquillo que ella tem escripto no seio?

Todos os estudantes se approximaram mais, mas como n'este momento o dr. Clarke entrasse na sala, affastaram-se logo, respeitosos.

O doutor encarou o cadaver, e empallideceu terrivelmente.

Dir-se-hia que n'aquelles olhos sem brilho, n'aquelles labios inertes e n'aquella face descorada e fria encontrava a recordação de um sonho que ia longe.

Então, approximou-se mais, e o seu olhar de myope, quasi a tocar o seio esquerdo da morta, leu estas palavras marcadas na pelle e meio sumidas n'uma sombra azulada:

«Arthur C.—8—7—40.»

RIO DE JANEIRO — CATETE

Os discipulos viram-n'o cambalear e segurar-se á mesa para não cahir.

—O livro do registro! bradou elle com voz tremula.

Trouxeram-lhe o livro, e o doutor leu a meia voz: «Fanchettine Loriant, nascida em Paris a 20 de março de 1841, filha de Fanchette Loriant e de pae incognito. Vinte e dois annos, de profissão meretriz, em Oxford. Morta de scirrho uterino, etc.»

O doutor acercou se do cadaver e beijando-o na testa, exclamou:

—Perdôa, minha filha. Depois, voltando-se para os discipulos, que não comprehendiam aquella scena, disse:

—Meu filho, e meus senhores, esperava-os uma lição de anatomia e a fatalidade quer que eu lhes dê uma lição de moral.

Antes de ser sabio é preciso saber-se ser homem.

Aquelle cadaver que ali está, inhibido de poder amaldiçoar-me, é minha filha!

Era eu então estudante como os senhores, quando conheci a mãe d'aquella infeliz. Deixei-a, preso a um ridiculo preconceito de hierarchia, e hoje o cadaver da filha apresenta-me, na sua nudez hedionda e gélida, a terrivel exprobração da minha leviandade.

Meus amigos: quando conhecerdes uma mulher honesta, que vos estime e honre, não a abandoneis nunca, quer ella seja descendente de reis, quer seja filha d'um mendigo.

A minha missão n'este estabelecimento acabou.

Nunca mais poderá ser homem, aquelle que ia enterrar o escalpello no corpo de sua filha, morta na perdição e no esquecimento. E, dizendo isto, o doutor Clarke sahiu da sala, cambaleante e livido.

*

No dia seguinte os alumnos da aula de anatomia da escola medica de Oxford, conduziam ao cemiterio, coberto de coroas e flores, o cadaver de Fanchettine Loriant. O doutor Arthur Clarke jubilou-se, e nunca mais tornou a entrar no estabelecimento que tanto honrara. Todas as noites, durante duas horas, joga o wisth com o grande chimico W. Dike, e todas as manhãs vae resar alguns minutos sobre o tumulo da filha.

ALFREDO GALLIS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA